

Sobrevivência feita com sobras

Cem carroceiros disputam o lixo nas quadras do Plano Piloto. Eles catam até uma tonelada de material por mês

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

O material que não serve mais para uns é instrumento de sobrevivência de outros. Do lixo, sai o sustento de dezenas de famílias em todo o Distrito Federal. Todos os dias, homens, mulheres e crianças põem as mãos, sem qualquer proteção, em pilhas de sacolas recolhidas pelas ruas das cidades à procura de papel, papelão, jornal, latas, vidros e plásticos. Mesmo sem saber, os catadores, como Francisco de Araújo e os irmãos Charles e Clécio Rosa, têm uma função importante: contribuem para a coleta seletiva desses materiais vendidos para empresas de reciclagem.

No Plano Piloto há uma grande concentração de catadores de papel. A Administração de Brasília estima que aproximadamente 100 carroceiros fazem a coleta de material para reciclagem. O papel, por ser mais abundante, ainda é a principal fonte de renda desses trabalhadores informais.

O lixo recolhido nos prédios anexos da Esplanada dos Ministérios e no Setor Comercial Sul, por exemplo, é levado para ser separado em pelo menos seis áreas espalhadas entre a Vila Planalto, 614 Sul, 709 Sul e no cerrado do Setor de Clubes Norte, onde é separado e vendido para empresas de reciclagem. Mas é preciso juntar muitos quilos — uma tonelada, por exemplo — para conseguir ganhar até R\$ 300 por mês. Ainda assim, a atividade tem atraído mais e mais desempregados que vêm no ofício a saída para a crise.

Muitos desses carroceiros montaram barracos de madeirite nos locais onde o lixo é separado. Vivem de forma precária, sem água encanada nem energia elétrica, e em condições subumanas em meio a tanta sujeira, ratos e mosquitos.

“CAFÉ PRETO”

Outros catadores moram em cidades afastadas do centro de Brasília e vêm diariamente ao Plano Piloto para fazer a coleta. Apesar de toda a dificuldade, parecem não se importar. Há quem se diga feliz com o trabalho que escolheu. “As coisas são mais fáceis aqui. Posso comprar um calçado, uma roupa; e trabalho por conta própria”, enumera as vantagens o carroceiro Charles Rosa da Silva, 21 anos. Ele mora num barraco de aproximadamente 4m², num desses lixões clandestinos no Setor de Clubes Norte, com a companhia Irandi e dois enteados. Charles trocou Barreiras (BA)

por Brasília em 1996. Desde que chegou na cidade coleta papel na Asa Norte e nos prédios anexos da Esplanada dos Ministérios. Por mês, consegue juntar uma média de 1,2 mil quilos de papel. A renda dele varia entre R\$ 300 e R\$ 400. Pode ser até pouco para profissão tão penosa, mas já é muito para quem ganhavam pouco mais de R\$ 50 na lavoura.

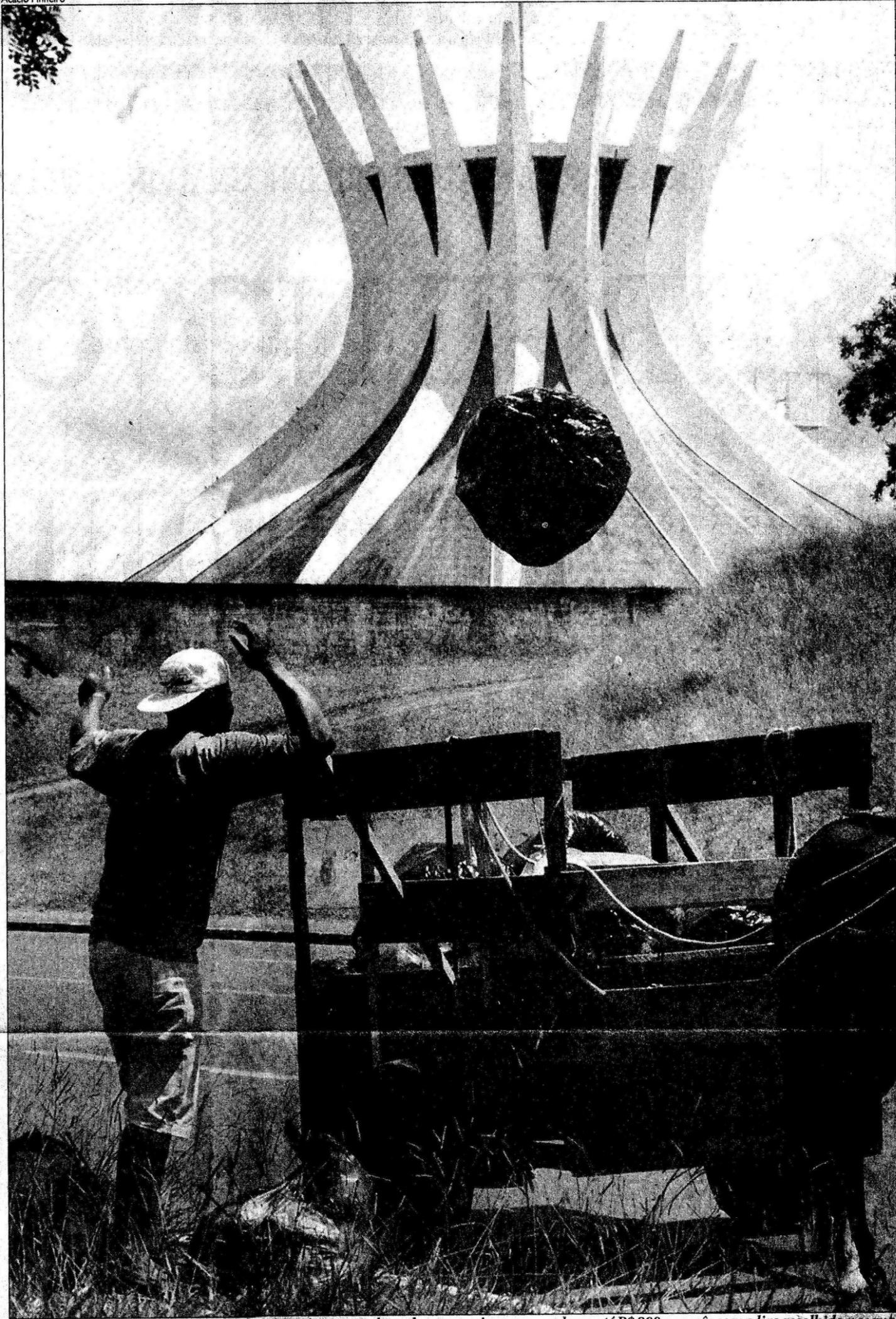
Depois de Charles vieram as irmãs mais novas Clébia e Gleide, que agora também põem as mãos no lixo. O último a chegar, há uma semana, foi Clécio, 17 anos. Aos homens cabe o trabalho de coletar o papel. Às mulheres e crianças, a separação do lixo que será vendido do que será queimado (plásticos e restos de comida, por exemplo).

O dia dos carroceiros catadores de papel começa cedo. Por volta das 4h da manhã, Charles e Clécio já estão de pé. Depois de um rápido “café preto”, escolhem um dos três cavalos e partem para mais uma coleta. Percorrem quase todas as quadras residenciais e comerciais da Asa Norte e terminam a manhã no Setor Hospitalar Local Norte. Com a carroça cheia de papel, voltam para o lixão, pois à tarde têm mais trabalho. “A melhor hora para pegar papel nos ministérios é à tarde”, explica Clécio. Ele e o irmão só retornam para casa lá pelas 22h, já cansados de um dia inteiro em busca de lixo.

A rotina do carroceiro Francisco Alberto Lau de Araújo, 48 anos, não é diferente da de Charles e Clécio. Ele levanta cedo, ainda de madrugada, toma o ônibus no Recanto das Emas, onde mora, e toma a direção do Plano Piloto. Num dos lixões no Setor de Clubes Norte, pega a carroça com um cunhado, que também é catador, e toma as ruas de Brasília à procura de lixo. “Não volto mais para a terra”, diz o ex-agricultor, que plantava feijão e macaxeira (mandioca) em Tabira, uma pequena cidade do interior pernambucano. Apesar das dificuldades, da vida dura, é outro que vive feliz com o trabalho que faz.

Com os R\$ 300 que ganha por mês, recolhendo uma tonelada de lixo pela cidade, Francisco mantém uma casa — que ganhou do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) no governo passado — de quatro quartos no Recanto das Emas. Sustenta cinco de oito filhos — os mais velhos também são carroceiros em Brasília. “Só volto agora se for para passear. A nossa renda é maior aqui”, compara.

Acácio Pinheiro



Esplanada dos Ministérios é um dos locais mais procurados pelos carroceiros, que ganham até R\$ 300 por mês com o lixo recolhido nas ruas

NORMAS

A presença dos carroceiros no Plano Piloto preocupa a Administração Regional de Brasília. Transtornos ao trânsito da cidade, risco às áreas de preservação ambiental e invasões de terras públicas são os motivos. Segundo o administrador, Leôncio Car-

neiro, há muitas reclamações dos moradores, que acusam os catadores de atrapalhar o tráfego de veículos, por exemplo.

O administrador Leôncio Carneiro vai procurar o Departamento de Trânsito (Detran) para acertar as normas de circulação das carroças pelo Plano Piloto

— hoje eles já são proibidos de andar por avenidas como a W3. “Não queremos expulsar ninguém. Apenas determinar áreas específicas para eles.”

O que mais preocupa, no entanto, são as áreas clandestinas usadas para separar o lixo. A Administração Regional quer evitar

prejuízos para as áreas verdes da cidade. E anuncia para breve uma limpeza nesses lixões. Além disso, fiscais da Divisão de Fiscalização estarão de olho nos carroceiros para conter a fixação deles nessas áreas, já que muitos construíram barracos de madeirite próximo do local de trabalho. (MX)